

**PRESENTES**

Alice Fernandes, Domingas Vasconcelos, Isabel Varandas, Luísa Resende, Sónia Rodrigues,  
Teresa Castro

**AÇÃO**

Reflexão sobre o compromisso no Graal a partir do documento *Blessing the Space Between Us/Abençoar o espaço entre nós do Graal internacional*

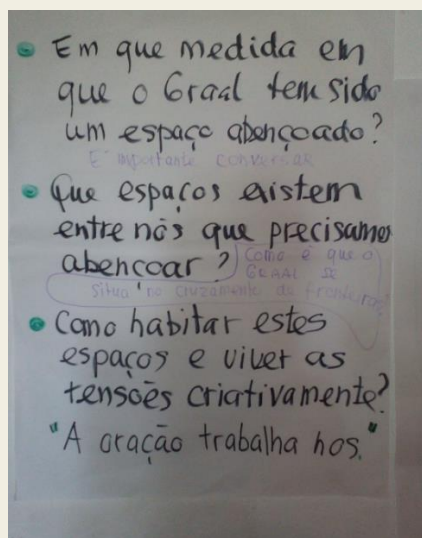
**Dizer para partilhar**

- Partilha do encontro nacional realizado na Golegã no dia 29 de junho: impressões, dinâmicas, mensagens, opiniões.
- Explicação do processo de reflexão dinamizado no encontro nacional para reflexão em torno da questão do compromisso no Graal.
- Apresentação dos quadros obtidos como resultado dos trabalhos realizados em grupos



Fátima Grácio, Domingas Vasconcelos, Sónia Rodrigues,  
Teresa Castro, Marijke de Koning

Golegã, 29 de junho de 2014, encontro nacional



**Ouvir para refletir**

Escuta coletiva da reflexão proferida pelo padre José Frazão, no encontro nacional, na Golegã, a 29 de junho.

Bom dia! Neste caso, é a todas, apesar de haver o pequenino. Tenho muito gosto de estar aqui. Penso que é uma oportunidade, seguramente, de conhecer um pouco mais também a vossa realidade. Há não muito tempo conhecia pouco mais do que o nome, depois, conhecendo a Sónia, fiquei a conhecer um bocadinho mais e, na última missa que celebrei com algumas de vós, também conheci um espaço em Lisboa e tenho... sinto-me contente por estar aqui. Por outro lado, o tema que me apresentaram, li o documento que me enviaram, *Abençoar o espaço entre nós*, creio que era mais ou menos o título, penso que é algo que me interessa, quase diria, espontaneamente. Importam-se que me levante? Não? Nunca sei muito bem. Assim fico mais enérgico.

Parece-me que, ainda antes de abençoar o espaço, talvez me concentrasse mais no habitar o espaço. Talvez seja uma forma de abençoar o espaço entre nós, isto é, no fundo: como habitar a realidade? Talvez esta seja a grande questão. Como habitá-la humanamente? E como habitá-la como cristãos? E, talvez para nós, cristãos, a sabedoria de habitar o espaço nunca pode ser independente da sabedoria de o habitar humanamente. Isto é, não poderemos habitar de modo cristão, se não habitarmos humanamente. E, por isso, creio que esta já é uma questão que nos coloca a todos, seres humanos, ainda antes de a colocarmos como cristãos. Creio que esta é uma questão séria. Como habitar humanamente? Como estar no espaço e no tempo de um modo humano?

De um ponto de vista cristão, encontraria duas palavras para traduzir, isto é: como habitar de um modo *vivível* – eu sei que a palavra não existe, mas vamos quase para brincar como *visível*? Como habitar de um modo *visível*? E como habitar de um modo *vivível*? Isto é... O que quero dizer com isto? Se a experiência humana da nossa existência e se a experiência da nossa fé não for apreendida de algum modo como *vivível*, isto é, como digna da nossa existência, como digna do melhor de nós mesmos, que nos mobilize, que nos preencha, que nos envolva, não é percecionada como algo que valha a pena. Dito de outro modo, se a fé em Jesus Cristo não for percecionada de algum modo, quase diria, quase imediatamente como *vivível*, não serve. Sei que a palavra “servir” é um bocadinho, também pode ser insidiosa, mas, para nos entendermos... Na transmissão da fé, quando, basicamente, hoje, cada pessoa sente a liberdade de seguir ou não seguir, à direita ou à esquerda, para cima ou para baixo, não é, e quando a pressão social, cultural, no ocidente, deixou de existir, se a fé não for

percecionada como vivível, isto é, que possa ser vivida humanamente, e que, de alguma maneira, corresponda às nossas expectativas mais elementares do que é uma vida digna, do que é uma vida boa, a fé torna-se irrelevante, de facto. E creio que um dos graves problemas hoje, na transmissão da fé, é que os nossos interlocutores não percecionam a experiência da fé como vivível, como digna de ser vivida. Na realidade, não lhes interessa. Não temos a percepção de que lhes interessa. Não os preenche como humanos. Não lhes dá nada de novo. Pelo contrário, tira-lhes algo de profundamente humano. Pelo menos, da maneira como o percecionamos. Tira-nos a liberdade, tira-nos o corpo, tira-nos o sexo, tira-nos o prazer, tira-nos a inteligência... De facto, uma grande frase da cultura moderna é que os cristãos são insensatos; não têm razão sequer. Hoje, talvez, como nos interessa mais o sentido, os sentidos, tiram-nos o sentido, tiram-nos o prazer, tiram-nos o gosto da vida, tiram-nos, no fundo, todas as coisas boas. Ora, se a fé é percecionada como um limite ao que imediatamente percecionamos como bom, não nos interessa. É evidente que é uma leitura muito imediata, mas creio que muitos contemporâneos é assim que nos veem de fora: algo insensato, algo insensível, algo que não interessa. E, portanto, o modo de habitar cristãmente a vida parece-me que têm de ser, têm de ter um traço de *vivibilidade*, que possa ser vivível, que possa ser vivido intensamente e possa corresponder às nossas expectativas mais elementares do que é uma vida boa.

Mas hoje corremos também o risco que me parece que é uma privatização excessiva da própria experiência de fé e da própria experiência humana *tout court*. E, portanto como se a fé e como se a vida também não fosse visível, não tivesse de ter uma visibilidade. E, por isso, hoje também, vemos tantas experiências ou tentativas de uma privatização excessiva da fé, que se traduzem, por exemplo, em coisas tão triviais como “Eu confesso-me a Deus.”, “Eu cá tenho a minha fé.”, “Eu acredito em Deus à minha maneira.”. No fundo, é uma privatização, isto é, a fé é vivível, mas não é visível. No fundo, não tem corpo social, não habita um espaço, não tem uma casa identificável numa vila como esta. Ora, isto contradiz também algo de elementar da própria experiência humana. Os humanos constroem casas, cultivam campos, constroem vilas e cidades, têm um modo particular de habitar o tempo e o espaço, ou melhor, o modo como eles habitam, como dão visibilidade, ou melhor, o que vivem assume uma visibilidade reconhecível. Por isso, uma vila portuguesa do ribatejo é diferente duma vila transmontana, uma aldeia portuguesa é diferente duma aldeia italiana. O modo como configuramos ao habitar o espaço revela algo do modo como nos apropriamos do sentido, das XXX, das coisas que nos importam. Por isso, hoje me parece que, antes de começar, seriam dois tópicos que

me parece que vale a pena pensar neles. Como ouvimos, às vezes, no rádio, vale a pena pensar neles. Isto é, a *vivibilidade* e a *visibilidade* da vida e da fé.

[...]

Transcrição do excerto inicial da reflexão do Padre José Frazão  
(transcrição ortográfica realizada por Sónia V. Rodrigues)

### Partilhar para refletir

- A reflexão do Padre José Frazão fez com que a Isabel e a Alice recordassem o verso de Ruy Belo «e uma casa é a coisa mais séria da vida.» (poema “Quasi fios”, in *O problema da habitação*).
- E todas partilhámos comentários, reflexões, dúvidas, conhecimento, experiências proporcionadas pelos caminhos percorridos por cada uma no Graal.

### Próximo encontro

Domingo, 14 de setembro de 2014, 16 horas

Etapa II – Parte A2 – Partilha sobre o movimento em cada país



Oh as casas as casas as casas

Oh as casas as casas as casas

as casas nascem vivem e morrem

Enquanto vivas distinguem-se umas das outras

distinguem-se designadamente pelo cheiro

variam até de sala pra sala

As casas que eu fazia em pequeno

onde estarei eu hoje em pequeno?

Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?

Terei eu casa onde reter tudo isto

ou serei sempre somente esta instabilidade?

As casas essas parecem estáveis

mas são tão frágeis as pobres casas

Oh as casas as casas as casas

mudas testemunhas da vida

elas morrem não só ao ser demolidas

Elas morrem com a morte das pessoas

As casas de fora olham-nos pelas janelas

Não sabem nada de casas os construtores

os senhorios os procuradores

Os ricos vivem nos seus palácios

mas a casa dos pobres é todo o mundo

os pobres sim têm o conhecimento das casas

os pobres esses conhecem tudo

Eu amei as casas os recantos das casas

Visitei casas apalpei casas

Só as casas explicam que exista

uma palavra como intimidade

Sem casas não haveria ruas

as ruas onde passamos pelos outros

mas passamos principalmente por nós

Na casa nasci e hei-de morrer

na casa sofri convivi amei

na casa atravessei as estações

Respirei – ó vida simples problema de  
respiração

Oh as casas as casas as casas

Ruy Belo, *Todos os Poemas*

Lisboa, Assírio & Alvim, 2000

Quasi flos

A morte é a verdade e a verdade é a morte

Tão contente de vento, ó folha que nomeio

como quem à passagem te colhesse,

palavra de que tu, ó árvore, dispões para vir até mim

do alto da tua inatingível condição

de muito longe vinda, inviável lembrança

indecisa nas mãos ou consentida

por alguma impossível infância

E a alegria é uma casa recém-construída

Face melhor de todos nós, ó folha

dos álamos nocturnos e antigos visitados pelo vento,

no calmo outono, o dos primeiros frios, saís

do ângulo dos olhos, acolhes-te ao poema

como no alto mês de maio a flor imóvel do jacarandá

não há outro lugar para habitar

além dessa, talvez nem essa, época do ano

e uma casa é a coisa mais séria da vida

Ruy Belo